

O processamento da repetição no gênero textual entrevista televisiva

Processing of repetition in the television interview textual genre

José Nildo Barbosa de Melo Junior*
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil
Instituto Federal de Alagoas, Viçosa, AL, Brasil

Eduardo Pantaleão de Morais**
Universidade Estadual de Alagoas, São Miguel dos Campos, AL, Brasil

Resumo: Este artigo pretende analisar a maleabilidade funcional da repetição como uma atividade de formulação textual da entrevista televisiva. O embasamento teórico fixa-se na Linguística Textual e na Análise da Conversação, por meio de Hoffnagel (2003), Xavier (2006), Fávero et al. (2010), Koch (2010a, 2010b), Marcuschi (2015), Melo Junior (2017), além de outros autores. A metodologia é de linha qualitativo-interpretativa (Flick, 2009), estabelecendo, processual e indutivamente, pontos de intersecção entre a teoria e as marcas textual-interativas no gênero. A amostragem constitui-se por uma entrevista gravada e transcrita do Programa do Jô, exibido na data de 17/06/2016, e considerou o trecho a partir dos 12 minutos e 43 segundos até os 15 minutos e 43 segundos da entrevista. O estudo aponta que a repetição não constitui um mero recurso tautológico, mas uma prática de construção do texto falado, a qual possibilita a manutenção da interação verbal entre entrevistador e entrevistado (sujeitos L1 e L2), a partir dos vários tipos de repetição.

Palavras-chave: Entrevista televisiva. Conversação. Interação verbal. Repetição. Tipos de repetição.

Abstract: This article intends to analyze the functional malleability of repetition as an activity of textual formulation of the television interview. The analysis is based on Textual Linguistics and Conversation Analysis (Hoffnagel, 2003; Xavier, 2006; Fávero et al., 2010; Koch, 2010a, 2010b; Marcuschi, 2015; Melo Junior, 2017; in addition to other authors). The methodology follows a qualitative-interpretative line (Flick, 2009), establishing, procedurally and inductively, points of intersection between the theory and textual-interactive marks in the genre. The data sample consists of a recorded and transcribed interview from Programa do Jô, shown on 06/17/2016, and considered the excerpt from 12 minutes and 43 seconds to 15 minutes and 43 seconds of the interview. The study points out that repetition is not a mere tautological resource, but a practice of building the spoken text, which makes it possible to maintain the verbal interaction between interviewer and interviewee (subjects L1 and L2), based on the various types of repetition.

Keywords: Television interview. Conversation. Verbal interaction. Repetition. Types of repetition.

* Doutor em Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil. Professor de Língua Portuguesa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, Viçosa, AL, Brasil; nildo.barbosa@ifal.edu.br

** Doutor em Letras e professor de Linguística e Língua Portuguesa, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Alagoas, São Miguel dos Campos, AL, Brasil; epmoraisal@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo apresenta um breve estudo acerca da repetição enquanto processo de construção da textualidade do discurso jornalístico, especificamente no gênero midiático entrevista televisiva. Nesse sentido, cabe apontar que a repetição não pode ser vista como uma simples categoria do texto falado, mas como um dos processos de formulação textual mais presentes na oralidade, ao assumir funções diversas e características de um planejamento linguístico que leva em conta fatores de ordem interacional, textual, cognitiva ou sintática, contribuir para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual, promover a continuidade semântica, a organização e a progressão tópica, favorecer a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis entre os interactantes (Marcuschi, 2006, 2015), por meio dos vários recursos de coesão (Antunes, 2005, p. 51) presentes no texto, e auxiliar nas atividades interativas.

Inserido no âmbito das relações do contínuo tipológico de variações dos gêneros textuais, seja formal ou informal, seja planejado simultânea ou quase simultaneamente, o texto falado resulta de um trabalho colaborativo e organizado entre dois ou mais parceiros comunicativos que o constroem à medida que interagem (Preti, 1993) e constituem relações especiais de dominância ou igualdade, convivência ou conflito, familiaridade ou distância, num mesmo momento e num mesmo espaço, ou em momentos e em espaços distintos, a depender da situação e do contexto sociocomunicativo (Fávero; Aquino, 2002, p. 164).

Essas especificidades apresentam-se na entrevista oral televisiva, gênero em que a repetição foi analisada, com base no caráter persuasivo e interacional desse recurso na oralidade. Para tanto, o estudo compor-se-á de cinco seções que se amalgamam: a primeira traz algumas considerações sobre o contínuo tipológico dos gêneros textuais e as especificidades que regem o texto falado; a segunda aborda o gênero textual entrevista; a terceira detém-se sobre a repetição, conceito e maleabilidade funcional, por ser a categoria escolhida para fomentar a análise, bem como estabelece um diálogo com alguns aspectos teóricos textuais, conversacionais, interacionais e argumentativos, presentes na entrevista televisiva, representativos em sua caracterização ao longo do estudo.

Busca-se, portanto, responder aos seguintes questionamentos: a) Como a repetição se processa na entrevista televisiva? b) Como o processo interacional se constrói no referido gênero de texto a partir da repetição? Com o fito de explicar a maleabilidade funcional da repetição na entrevista televisiva, do ponto de vista teórico, fundamentou-se em estudiosos da Linguística Textual e da Análise da Conversação, por meio de Fávero e Aquino (1998, 2002), Fávero (2000), Koch (2010a, 2010b, 2011), Hoffnagel (2003), Marcuschi (2006, 2015), Xavier (2006), Fávero et al. (2010), Melo Junior (2017), além de outros autores.

No que concerne à *abordagem* metodológica de pesquisa, este trabalho é de linha qualitativo-interpretativa (Flick, 2009) e estabelece, de maneira processual e indutiva, pontos de intersecção entre a teoria e as marcas textual-interativas no gênero. A amostragem constitui-se por uma entrevista oral televisiva, realizada no programa de uma emissora de telejornalismo de alcance nacional, o Programa do Jô, exibido em 17/06/2016, e considerou o trecho a partir dos 12 minutos e 43 segundos até os 15 minutos e 43 segundos da entrevista. O corpus foi coletado pelo pesquisador, por intermédio de download, gravado num dispositivo USB e, posteriormente, transcrito.

No que tange à classificação metodológica deste estudo, sob a ótica dos *procedimentos*, este artigo circula pela análise da conversação, escrita de tal maneira (com letra minúscula), por ser abordada, neste momento, como procedimento científico de pesquisa. A análise da conversação centra-se na análise interpretativa e formal de textos produzidos em situações cotidianas e oportuniza que se analisem conversações naturais, gravadas em áudio e/ou vídeo, a partir de pontuações teórico-metodológicas inerentes a essa modalidade de pesquisa (Flick, 2009; Cardano, 2017).

A análise da conversação pressupõe que a interação social ocorre de forma ordenada, observa na conversação o que é relevante para a interpretação da interação social e admite que o contexto interacional não somente influencia as relações entre os sujeitos participantes, mas também se produz e se transforma no desenvolvimento das sequências de perguntas e respostas. Inicialmente, a pesquisa em análise da conversação limitava-se a investigar conversações cotidianas telefônicas ou face a face, sem que houvesse uma distribuição de papéis específicos; na atualidade, ela se ocupa de interações simétricas e assimétricas na mídia de massa e de conversações em contextos institucionais específicos (Flick, 2009, p. 299).

Para responder às questões levantadas, este trabalho alicerça-se, ainda, em Cestero Mancera (1994, p. 81-84), em virtude dos seguintes princípios metodológicos que contribuem para investigar a entrevista como uma atividade fundamentalmente linguística, de interação social, com estrutura e unidades próprias e independentes: 1) coleta de dados, por meio da gravação da conversação ocorrida de forma natural e num programa de entrevista televisiva; 2) transcrição minuciosa do corpus, etapa final do processo de composição do corpus textual, cuja amostragem se submeteu à análise; 3) descrição detalhada da conversação, a partir dos dados transcritos, de modo a possibilitar a consumação da análise da repetição nos turnos de fala, bem como conhecer e entender a conversação como uma atividade linguístico-social; e 4) apresentação dos resultados.

Para a transcrição da entrevista televisiva, utilizaram-se os critérios que seguem as indicações de Marcuschi (2003 [1986], p. 10-13) e Preti (2006, p. 12-13), com o máximo de rigor e clareza, sem sobrecarga de símbolos complicados, e a razoabilidade disso está no fato de ser imprescindível que o analista da conversação saiba quais os seus objetivos, não deixe de assinalar o que convém e torne possível a inteligibilidade do corpus por leitores e outros pesquisadores que possam utilizá-lo.

A coleta da gravação em áudio e vídeo, a transcrição minuciosa da entrevista, a análise dos momentos interativos (exemplos), bem como a apresentação dos resultados (Cestero Mancera, 1994, p. 81-84) constituíram passos importantes na interpretação das funções várias da repetição no gênero midiático em foco.

A relevância deste estudo está em reconhecer que a repetição é um recurso linguístico que permeia a entrevista televisiva e atribui a esse gênero um efeito reforçador e mantenedor da interação verbal, em virtude daquilo que os interactantes dizem ao longo do evento de fala. Além disso, vale reconhecer a presença da repetição na entrevista oral no Programa do Jô Soares como elemento que dispõe de funções argumentativas, garantindo a persuasão dos telespectadores, por ambos os

interactantes¹ (o entrevistador e, sobretudo, o entrevistado) se utilizarem de meios racionais e afetivos para persuadir o auditório social.

2 O *CONTINUUM* TIPOLÓGICO DOS GÊNEROS TEXTUAIS E AS ESPECIFICIDADES QUE REGEM O TEXTO FALADO

Possivelmente, quando se atribui à fala o lugar do caos, de tudo aquilo que não se insere dentro dos parâmetros da formalidade, deixa-se de considerar a dinamicidade que a relação língua-linguagem traz em seus múltiplos olhares e perspectivas. Enquadram-se, aqui, por exemplo, as várias concepções de gramática que sustentam diversos modelos teóricos e que provam esse movimento circular e flexível da linguagem.

Assim, mais relevante do que tratar de supremacia da escrita sobre a fala é tratar das inúmeras relações que se podem estabelecer entre as duas modalidades, observando, inclusive, os pontos de convergência entre os gêneros falados e escritos no *continuum* tipológico de variações dos gêneros textuais. Dito isso, aquela velha e cansativa história de que repetir uma palavra ou um item lexical só é permitido até três vezes no máximo torna-se perigosa, escorregadia e até reducionista, por não se justificar pela maleabilidade funcional da repetição, em suas inúmeras possibilidades de uso e numa multiplicidade de contextos.

Por muito tempo, observou-se a relação fala-escrita, numa visão de dicotomia estrita, em que a segunda prevalecia sobre a primeira, entretanto a perspectiva funcionalista de linha sociointeracionista dos estudos linguísticos aparece para romper com esse conceito e mostrar que fala e escrita pertencem ao mesmo sistema linguístico e cada uma dessas formas de produção textual-discursiva possui suas especificidades (Marcuschi, 2005, p. 32-37).

Nesse sentido, a fala não é uma forma caótica de manifestação da linguagem, uma atividade desarticulada, desorganizada, que impossibilita o estudo de unidades linguísticas situadas no âmbito da oralidade enquanto prática social. Nesse tocante, a perspectiva sociointeracionista da relação fala-escrita reitera a relevância de ambas as modalidades linguísticas, contrariamente à perspectiva das dicotomias estritas, que se configura de modo polarizado e separatista, por considerar a heterogeneidade da fala como responsável para que a oralidade seja tomada como o lugar do caos (Marcuschi, 2005, p. 33).

A repetição enquanto uma categoria que se apresenta em gêneros orais e escritos aparece para desconstruir essa visão cristalizada e evidenciar que os eventos comunicativos possuem características que se assemelham e se completam a partir do *continuum* tipológico, pois o que existe é um conjunto de traços que os configura como textos falados ou escritos em maior ou menor grau, dentro de um *continuum* de variações. Fala e escrita são duas modalidades do mesmo sistema linguístico, ambas favorecem a interação verbal, cada uma com suas especificidades, embora mantenham relações nos vários contextos de uso.

¹ Ainda que o programa tenha sido divulgado na mídia sem restrições de acesso, os participantes serão identificados como L1 (entrevistador) e L2 (entrevistado).

O *contínuo dos gêneros* textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos* (Marcuschi, 2005, p. 42, grifos do autor).

Enquanto atividades sociointeracionistas, a língua falada e a língua escrita organizam as relações sociais (entre interactantes) no âmbito das práticas comunicativas e são versáteis. Sua versatilidade/flexibilidade, observada na materialização dos gêneros escritos e orais, não permite apresentar a fala e a escrita de forma dicotômica nos estudos da linguagem, pois são duas modalidades que estão imbricadas. Além disso, a distribuição dos gêneros textuais no *continuum tipológico* das práticas de formulação textual, por meio da relação fala-escrita, possibilita que esse *continuum* dos gêneros textuais estabeleça os pontos de convergência e divergência entre os textos – o que pode implicar um hibridismo textual –, em virtude das propriedades que os compõem. Segundo Antunes (2003, p. 101):

Como se sabe, as modalidades oral e escrita da língua guardam similaridades e apresentam diferenças. O confronto entre uma e outra – desde que se considerem os mesmos níveis de registro (fala formal e escrita formal, por exemplo) – pode ser bastante produtivo para a compreensão daquelas similaridades e diferenças e para o entendimento das mútuas influências de uma sobre a outra.

As categorias textuais e conversacionais que compõem o texto falado provam que a conversação, na verdade, organiza-se com base em variáveis, o que implica dizer que a conversação não se configura como um texto caótico, tampouco desarticulado sintática e semanticamente. São os elementos verbais (marcadores conversacionais, operadores modais, repetição de construções sintáticas, de itens lexicais, construções oracionais e suboracionais etc.), não verbais (gestos e olhares) e paraverbais (entonação), utilizados pelos interactantes, que organizam a conversação, constroem a interação e fazem os sentidos progredirem a partir de ideias (Melo Junior, 2017, p. 41-42).

FLP 23(1)

3 O GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA TELEVISIVA

A entrevista jornalística é um gênero midiático, do tele e radiojornalismo – tem, portanto, sua legitimação em diversas mídias –, cuja materialização ocorre primordialmente na forma oral e, para muitos autores, constitui uma prática linguística de caráter altamente padronizado, assim como implica expectativas normativas que estabelecem a conversação e a interação entre interactantes (entrevistador e entrevistado). Essa conversa controlada é marcada por perguntas e respostas, havendo, ainda, outros pares conversacionais ou adjacentes.

O caráter expositivo da entrevista oral, segundo Costa (2009, p. 103), permite a obtenção de esclarecimentos, avaliações, opiniões, coleta de declarações e informações para divulgação através dos meios de comunicação. Esse todo enunciativo possibilita que informações e fatos sejam debatidos e levados ao conhecimento do público-espectador, que tem um interesse particular ou coletivo e social. Conforme Hoffnagel (2003, p. 183), “tanto as perguntas como as respostas são

formuladas com uma audiência específica em mente”, ainda que esse público específico não participe direta e efetivamente da entrevista.

Fávero et al. (2010) discorrem acerca da interação em diferentes contextos, trazem pontuações teóricas relacionadas aos estudos de interações na mídia televisiva e concebem a interação como “[...] ação que interfere nas relações entre os interlocutores quando estas ocorrem em cena” (Fávero et al., 2010, p. 127). Os autores definem a entrevista televisiva ainda enquanto um evento particular de interação social, uma prática social complexa que combina dois *frames* interativos distintos – a entrevista e a mídia –, nos quais os esquemas de participação e os objetivos dos participantes são sempre específicos e pontuais, o que colabora para inserir a entrevista televisiva num quadro tipológico, já que, na entrevista veiculada pela mídia, o entrevistador e o convidado interagem, assim como há o interesse em fazer o entrevistado falar, baseado em direcionamentos específicos quanto ao tópico proposto.

Ao estabelecer a diferença desse evento de fala em relação a outros eventos, Fávero (2000, p. 82-83) menciona três momentos na entrevista: o tempo de preparação, o da entrevista propriamente dita e o da edição. O planejamento e a produção, na entrevista, são simultâneos ou quase simultâneos, o que contribui para caracterizar a entrevista jornalística como estruturada ou semiestruturada, visto que o planejamento existe da parte do entrevistador e pode existir também da parte do entrevistado. No que se refere à edição, a entrevista mantém-se oral, seja no rádio, seja na televisão, ou passa à escrita, quer em jornais, quer em revistas.

No tocante ao planejamento, apesar de ambos os interactantes construírem o diálogo, de maneira colaborativa, um entrevistado que não domine técnicas de entrevistas e desconheça estratégias comunicativas utilizadas pelo entrevistador ocupará uma posição desfavorável no diálogo, já que os jornalistas detêm conhecimentos acerca dos mecanismos estruturais e éticos² (Melo Junior, 2017, p. 117-119) que subjazem as entrevistas. Conforme aponta Melo Junior (2017, p. 50-53), tal posição de desvantagem suscita relações de poder no discurso, em virtude dos fatores contextuais (as relações sociais entre classes e grupos, os modos como se articulam instituições na formação social, posição social, status social, formação profissional e papel social do entrevistador e do entrevistado) e dos elementos linguístico-discursivos, os quais fomentam as dissimetrias e simetrias de poder. Na entrevista analisada, L2 (entrevistado) é um ator renomado e respeitado, por sua trajetória no teatro e na televisão, detém posição social, status social, formação profissional e papel

² Os mecanismos estruturais dizem respeito a um conjunto de ações que organizam e estruturam qualquer entrevista, a exemplo de fazer perguntas abertas; não fazer perguntas que já contenham a resposta; escolher e organizar os eixos temáticos; conhecer estratégias linguístico-discursivas e comunicativas que induzam o entrevistado a fornecer as informações requeridas; fazer perguntas simples, objetivas, claras e concisas; evitar usar um lugar-comum como pergunta, a fim de obter respostas inteligentes, originais e sensacionais; entre outros. Os mecanismos éticos estão relacionados ao comportamento e às atitudes do entrevistador, tais como: não roubar a ideia de ninguém – caso o entrevistador utilize referências e fontes que não são de sua autoria, recomenda-se citá-las; não inventar algo ou alguém, mesmo que o entrevistador esqueça alguma pergunta, não entenda suas anotações rápidas ou perca informações apuradas; perguntar por último – o entrevistador precisa perguntar ao entrevistado se pode encerrar a entrevista, pois ambos devem estar de acordo com o fim; pesquisar sobre o entrevistado; verificar a forma de tratamento para dirigir-se ao entrevistado; quebrar o gelo, ser cordial, simpático, flexível e interativo; saber ouvir atentamente o entrevistado; conquistar a confiança do entrevistado; buscar a melhor maneira (polidez na linguagem) de fazer perguntas difíceis sem ofender o entrevistado; além de outros.

social de grande notabilidade e prestígio, o que, certamente, assegura a presença de turnos nucleares, de valor referencial significativo, os quais se estendem ao longo de toda a interação.

A relevância das perguntas na organização do texto de entrevistas é ressaltada por Fávero e Aquino (1998, p. 123), as quais atribuem às perguntas um papel privilegiado na organização textual, por estas contribuírem para a coerência conversacional e para o desenvolvimento da atividade interacional. É a partir de estratégias utilizadas na conversação que as perguntas comportam finalidades específicas e efeitos cumulativos, a depender do objetivo discursivo do entrevistador na interação, e permitem que o evento e contexto discursivos sejam criados, recriados e/ou ressignificados.

Com vistas a quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, servir à pluralização de vozes e distribuir democraticamente a informação, a entrevista é uma técnica de interação social, na qual os participantes do evento de fala buscam interagir, modificar-se, revelar-se, crescer no conhecimento do mundo e de si próprios. Nela, é necessário recolher fatos, informar o público-espectador e motivar tanto esse público quanto o entrevistado que vai falar (Medina, 1986, p. 8); com o fito de atingir tal propósito, há o uso de recursos linguísticos, a exemplo da repetição, os quais criam um entrosamento entre entrevistador e público, entrevistado e público ou entre entrevistador-entrevistado-público (Fávero et al., 2010, p. 132).

Segundo Ferraretto (2014, p. 179-184), a entrevista constitui-se por abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento. Essa estrutura canônica global ou unidade composicional do gênero mantém-se em todos os tipos de entrevista, embora variem o tema, a duração e o ritmo (condução) de cada etapa. Na abertura, apresentam-se o entrevistador e o entrevistado (figuras públicas, especialistas, autoridades, pessoas atuantes num dado movimento etc.); situa-se o local do evento de fala e o tópico (assunto). Na fase de perguntas e respostas, tem-se a etapa principal (núcleo) da entrevista, em que o diálogo se firma, e o evento de fala desenvolve-se alternadamente pelos parceiros da comunicação. Por fim, no encerramento, o entrevistador cumprimenta/agradece ao entrevistado e ao público, podendo recapitular concisamente o(s) assunto(s) que conduziu(ram) o diálogo (a entrevista).

No âmbito dos estudos jornalísticos e linguísticos, há um panorama de classificações de entrevistas, o qual toma por base o conteúdo, os objetivos, a estrutura e as circunstâncias de realização da entrevista, e esse panorama classificatório permite enquadrar a entrevista televisiva em alguns tipos. Há de se considerar, também, nesse quadro tipológico, o tipo de programa e o perfil da audiência, em função das diversas interações que constituem a entrevista televisiva, uma vez que, para configurar um tipo de programa – o Programa do Jô configura um *talk show* – e despertar o interesse dos telespectadores, levam-se em conta o convite a ser feito, o tópico a ser tratado e o que a audiência espera – estrategicamente, convidam-se pessoas (políticos, artistas de campos vários ou profissionais de quaisquer especialidades) extremamente aceitas pela sociedade, cuja vida artística e/ou profissional capte a atenção dos telespectadores (Fávero et al., 2010, p. 132).

A entrevista televisiva em foco, do Programa do Jô, é do tipo *entrevista pingue-pongue* – realizada por intermédio da troca direta de turnos entre os interactantes (entrevistador e entrevistado); assim, fazem-se perguntas simples ou complexas (Baltar, 2012, p. 100) – e, conforme Prado (1989, 59), do tipo *direta* (ao vivo), executada e

transmitida instantaneamente ao público-espectador, o que ratifica a importância de haver uma preparação anterior à transmissão e cuidado com o controle do ritmo interno, do tempo e das frequências expressivas.

Lage (2009, p. 74-77) apresenta uma tipologia das entrevistas, fundamentada nos objetivos e nas circunstâncias. Do ponto de vista dos objetivos, a entrevista televisiva em análise pode ser caracterizada como *entrevista ritual* – que tende a ser breve e centra-se, primeiramente, em expor a figura do entrevistado, suas características e, posteriormente, nas informações fornecidas por ele – e *entrevista em profundidade* – que se centra na figura do entrevistado, na apresentação de mundo construída por ele, aborda atividades desenvolvidas pelo entrevistado, sua maneira de ser e aspectos de sua vida.

No que diz respeito às circunstâncias de realização, a entrevista televisiva é do tipo *dialogal*, considerada a entrevista por excelência, é marcada com antecedência e reúne entrevistador e entrevistado num ambiente controlado, onde os interactantes sentam-se, sem grandes aparatos que estabeleçam uma hierarquia entre ambos. O tom da conversa constrói-se colaborativamente, com a evolução de questões propostas pelo entrevistador, permite aprofundar e detalhar os pontos abordados e, assim, não se limita na abordagem do assunto.

É possível inseri-la, ainda, no quadro das *entrevistas em presença ou face a face* (Lage, 2009, p. 78), no ambiente televisivo, por meio do encontro entre entrevistador e entrevistado, da aferição de resposta rápida, visual e auditiva, bem como da proximidade física

Com suporte em Chantler e Harris (1998) e em Mateu (1998), a entrevista televisiva qualifica-se como *entrevista de caráter*, esta focaliza a personalidade do entrevistado e pretende descobrir aspectos desconhecidos ou pouco conhecidos deste, de sua vida, sua profissão ou determinada atividade por ele exercida. É mediante as informações obtidas nas respostas que se conhece sua personalidade. Para tanto, é necessário criar um clima comunicativo, agradável, que minimize ou elimine a timidez do entrevistado e permita que ele seja expressivo, espontâneo e fluido em suas palavras. Além disso, para realizar esse tipo de entrevista, convém conhecer previamente a personalidade do entrevistado e proceder a uma conversa antes de a entrevista entrar no ar, falando diretamente com o entrevistado, a fim de conhecer seu ritmo de fala, agilizar a entrevista e observar os ciclos expressivos de sua conversação.

Ao iniciar a ‘entrevista de caráter’, o entrevistador faz uma apresentação breve do entrevistado e destaca os aspectos mais atrativos do evento de fala para o ouvinte. Durante o momento interativo, a sugestão é que se repita, por diversas vezes, o nome do entrevistado, a fim de situar o espectador que não acompanhou a entrevista desde o início. A *entrevista de caráter* dá voz a pessoas importantes da sociedade, da política, das artes, da mídia etc., e os esquemas linguístico e narrativo das perguntas não apresentam tanta rigidez.

4 A REPETIÇÃO

As atividades de formulação/reformulação textual, por serem constituídas de funções retóricas, argumentativas ou didáticas, facilitam e asseguram/promovem a compreensão, enfatizam ou intensificam ideias e persuadem os interactantes do

discurso (Koch, 2010b, p. 114-118). Nesse contexto, aparecem o paralelismo, o parafraseamento, a repetição, a correção, entre outros processos de construção do texto falado e do escrito.

A repetição³ é uma atividade de formulação textual que, entre outras finalidades, estrutura/organiza o discurso e permite que os interactantes reiterem segmentos textuais previamente mencionados, seja uma palavra, uma sequência de palavras, seja um segmento inteiro. Esse recurso de coesão textual ou de reiteração do texto é fundamental para a manutenção das relações interpessoais, continuidade semântica e progressão textual, em contextos e interações mais ou menos formais e informais.

Enquanto estratégia de formulação textual, a repetição ocorre distintamente no texto falado e no escrito, pois, neste, há a possibilidade de apagamentos sucessivos de segmentos textuais recorrentes, de modo que o interactante pode revisar e editorar a escrita; naquele, a repetição é inerente ao mecanismo de construção, já que a fala é localmente planejada e as ideias materializam-se ao longo do evento de fala, em que os interactantes colaboram com a continuidade do tópico e do sentido, com a negociação e a argumentação, motivados por fatores de ordem interacional, cognitiva, textual e sintática.

Com fundamento numa perspectiva textual-interativa, Marcuschi (2006, 2015) admite que a repetição não é um simples ato tautológico, automático, mecânico ou aleatório, segundo fora dito, mas é uma estratégia de composição do texto e de condução do tópico. Repetir segmentos linguístico-textuais não é manifestar o mesmo conteúdo; consiste em produzir segmentos textuais idênticos ou semelhantes – em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos ou pragmáticos –, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento de fala. Esses segmentos podem ser itens lexicais, construções suboracionais, construções oracionais, elementos fonológicos e morfológicos.

(1) L1 [...] fala pra mim... você tá dirigindo?

L2 *tô dirigindo* é primeira vez...

L1 qual é a *peça*?

L2 ((incompreensível)) *eu* queria dirigir uma *peça* que *eu* até tava lendo uma coleção da Abreu que tem o rinoceronte... fui ler o rinoceronte e dei de cara com você lá né?... fazendo a *peça*... um elenco assim... genial [...]

O exemplo (1) tem por tópico discursivo (assunto tratado ao longo da entrevista) a estreia do ofício de diretor de teatro na peça *As cadeiras*, exercido pelo entrevistado L2, também ator de renome e reconhecimento da Rede Globo. O entrevistador utiliza a construção suboracional ‘tá dirigindo’ para introduzir o tópico discursivo a ser tratado, bem como lança uma pergunta fechada a L2 para construir a discussão, de modo colaborativo, e manter o fluxo conversacional. Em seguida, L2 não apenas responde à pergunta de L1, por meio da repetição da construção

³ Em sentido lato, a repetição é um procedimento coesivo por meio do qual “[...] recorreremos à estratégia de voltar a um segmento anterior do texto, mantendo algum elemento da forma ou do conteúdo” (Antunes, 2005, p. 60). Em sentido específico, constitui um recurso de repetição também chamado de repetição propriamente dita ou repetição literal.

suboracional ‘tô dirigindo’, mas ainda acrescenta à resposta uma informação nova e relevante, de que dirige uma peça de teatro pela primeira vez.

Além disso, L2 repete o item lexical ‘peça’ como um ato de resposta a L1, a fim de demonstrar atenção ao que foi perguntado por L1 e marcar sobre qual tópico circula o diálogo. É possível observar, no exemplo 1, que L2 repete, ainda, o item lexical ‘eu’ para marcar o seu lugar social enquanto diretor de teatro e situar os telespectadores acerca da peça teatral dirigida por L2.

Essas estratégias verbais do comunicador, além da função de formulação com enquadramento, a qual reforça uma tese proposta, seja com um sintagma, seja com uma construção suboracional, desempenham a de formulação com expansão e retomam elementos da interação verbal, com o acréscimo de uma informação nova e a continuidade do fluxo verbal (Xavier, 2006, p. 96).

Enquanto forma de organização textual-interativa, em que os interactantes constroem colaborativamente o evento de fala, processam e trocam informações, esse mecanismo reiterativo-coesivo permite que entrevistador e entrevistado interajam e atinjam seus propósitos comunicativos, ao utilizar sequências conversacionais, por ocasião de formas de cumprimento, de agradecimento, de despedida e de elementos de cortesia verbal, dentre outras formas. Conforme Marcuschi, a repetição

Contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas. Disso tudo resulta uma textualidade menos densa e maior envolvimento interpessoal, o que torna a repetição essencial nos processos de textualização na língua falada. (Marcuschi, 2006, p. 219).

FLP 23(1)

Em um dado texto, a repetição não é aleatória. Esse recurso coesivo possibilita a articulação, a conexão e os efeitos semânticos entre os segmentos do texto, marca a intencionalidade dos interactantes em textos de domínios discursivos político, jornalístico, didático/escolar e publicitário – por meio de estratégias retóricas, didáticas intensificadoras ou argumentativas –, intensifica, enfatiza, (re)itera itens lexicais, promove a continuação e progressão textual, permite verificar a importância da repetição na aquisição da linguagem, na socialização linguística e no ensino de línguas.

(2) L1 qual é a peça?

L2 como tá todo mundo...eu queria dirigir uma peça que eu até tava lendo uma coleção da Abril que tem o rinoceronte (ruído) fui ler o rinoceronte e dei de cara com você lá né?... fazendo a peça... um *elenco* assim... *genial*

L1 é eu fiz ... *deslumbrante*... *deslumbrante*.

A repetição dos segmentos no exemplo (2) tem função de interação com ratificação do papel do entrevistado, assegura ao entrevistador o envolvimento no diálogo, indica atenção à conversação e permite a confirmação da posição do entrevistado. Isso pode ser observado no momento final do turno de L1, quando repete o item lexical ‘deslumbrante’ e confirma a informação dada pelo entrevistado na resposta, isto é, de que o elenco que compôs a peça era genial.

Conforme Santos (2004, p. 55-56), a repetição pode ocorrer nos níveis oracional, lexical, locucional, periodológico, bem como em outros níveis, de modo que os interactantes repetem durante a conversação para transferir o turno ou manter-se

neste ou para revelar que compreenderam e concordaram com as ideias, o que pode ser verificado a seguir:

- (3) L2 *ai eu peguei... me entusiasmei e disse... eu quero fazer fazer ... (ruído) as cadeiras... porque é um exercício eu não tenho a pretensão de falar ah porque eu vou dirigir vou arrasar não... vou pegar dois bons atores a Tácia Camargo e o e o Botelho*
- L2 *eu tenho um espaço grande em casa... uma sala bem grande... um apartamento que tem um espaço bom e então dá pra ensaiar... trabalhar com eles ali...é gostoso... ai eu vejo o outro lado da...do autor como é difícil né e como é bom você trabalhar a palavra... as pausas*
- L2 *eu queria que eles... que eles entrassem e falassem com o público... ai eu falei com uma amiga minha... ela disse Ney... ele coloca na verdade os dois personagens presos nessa ilha... ele não quer essa que quebre a quarta parede... se os personagens saem das cadeiras*

Observa-se que L2 utiliza a estratégia de manutenção do turno, reforça a ideia de que ele comanda as ações, já que dirige a peça, e passa a repetir o item lexical ‘eu’ para denotar não somente as ações realizadas como diretor, mas também as suas impressões diante de tal função. Além disso, num nível oracional, faz uso do verbo ‘trabalhar’, com o intuito de caracterizar o ofício que exerce na ocasião e repete o item lexical ‘eles’, o que permite referenciar a ideia de que o trabalho se dá em conjunto, em colaboração com o elenco.

Assim, a repetição é caracterizada como um mecanismo reformulador, não apenas por apresentar diferenças sintáticas e lexicais, mas ainda oracionais, locucionais e periodológicas, no que diz respeito ao enunciado de origem (EO) e ao enunciado reformulador (ER), com vistas a facilitar ou resolver problemas de compreensão, enfatizar ou intensificar ideias, persuadir os interactantes e manter as unidades semântica e tópica/temática (Koch, 2011, p. 123) o que diferencia a repetição das demais atividades reformuladoras.

- (4) L2 *eu queria que eles... que eles entrassem e falassem com o público... ai eu falei com uma amiga minha... ela disse Ney... ele coloca na verdade os dois personagens presos nessa ilha... ele não quer essa que quebre a quarta parede... se os personagens saem das cadeiras*
- L1 *explique o que é a quarta parede que muita gente não sabe!*
- L2 *a quarta parede seria assim se vocês sentados aqui e aqui tem uma quarta parede né que a gente finge de tratar como que vocês não existissem mesmo e rompe essa quarta parede e eu sair daqui e fazer um número com a plateia... fazer pra vocês... diretamente fazer um espetáculo (ruído) fazer uma coisa afastada... tão afastada que a gente apresenta assim ... (ruído) é isso. E tem a pessoa que envolve eu acho o número de plateia muito difícil eu acho uma arte ... quem faz o número de plateia que tem a capacidade de chegar... parar um espetáculo... né descer falar com o público é capaz de fazer de tudo*

Neste exemplo (4), o movimento reformulador da repetição reside sobre a recorrência no uso do sintagma ‘quarta parede’, utilizada repetidamente por L2 (entrevistado), para explicar, a pedido de L1, que a quarta parede se trata de uma parede imaginária entre o palco e a plateia, por meio da qual os atores encenam o espetáculo sem se ater aos ruídos, trejeitos ou olhares do público. Assim, quando usa os itens

lexicais ‘plateia’ e ‘vocês’, além de esclarecer o uso de um jargão específico das artes cênicas, as informações presentes no seu discurso tendem a ser aceitas pelo espectador e a persuadi-lo por insistência da repetição, uma vez que explicita a definição de quarta parede, ao usar tais itens lexicais.

Em sentido amplo⁴, a sequenciação textual permite a reiteração de formas linguísticas, por intermédio da repetição do mesmo item lexical/termo (repetição propriamente dita), do tempo verbal, da estrutura sintática (paralelismo), dos conteúdos semânticos similares (paráfrase), elementos fonológicos, segmentais e prosódicos, com o objetivo de manter o fio discursivo e revelar o caráter expressivo, argumentativo, explicitador e multifuncional da repetição (Koch, 2010a; Koch; Elias, 2011).

No que concerne à recorrência de itens lexicais, ou seja, à repetição de palavras, ao atribuir valor significativo, generalizado, incontestável e funcional a esse recurso textual, Antunes (2005, p. 71) ressalta: “Sua ocorrência em textos é incontestável, isto é, os textos maiores, orais ou escritos, formais ou informais, normalmente, trazem palavras repetidas, sem que isso lhes afete a qualidade”. O ato de reiterar termos implica estabelecer ligações entre os segmentos textuais que sustentem a continuidade temática e semântica, exigida pela própria coerência, e que façam o texto progredir tematicamente durante a formulação de um determinado texto.

A repetição de uma palavra num texto falado ou escrito pode ser inevitável, pois atribuir sinônimos ou quase sinônimos (quaisquer termos equivalentes) nem sempre é possível, pelo fato de as possibilidades de substituição lexical serem restritas, dado que o contrário pode comprometer o sentido, a clareza e a fluência do texto. Outrossim, a recorrência de termos, isto é, a frequência com que se repete varia de acordo com uma série de fatores: o evento de fala ou o gênero textual, as intenções pretendidas, o tema abordado, a situação discursiva, além de outros aspectos que orientam a produção de sentidos em textos falados e escritos.

A fim de manifestar ideias, estabelecer laços afetivos, preservar as faces, promover a compreensão ou expandir sentidos, as repetições realizam-se de várias formas e possuem funções diversas. No que se refere aos aspectos funcionais, as repetições atuam em diversos âmbitos da formulação textual-interativa e operam em diversos planos: da coesividade, quando abrangem a coesão sequencial, os amálgamas sintáticos e o enquadramento sintático-discursivo; da compreensão, ao fortalecerem a intensificação e o esclarecimento de segmentos textuais, bem como as estratégias de transformação de rema em tema (rematização); da organização/continuidade tópica, ao propiciarem a amarração, introdução, reintrodução, delimitação, condução e manutenção do tópico; da argumentatividade, visto que possibilitam a reafirmação, o contraste e a contestação de argumentos; e da interatividade, por contribuírem com a expressão de opinião pessoal, o monitoramento de tomada de turno, a ratificação do papel de ouvinte e a incorporação de sugestões (Marcuschi, 2006, 2015).

(5) L2 achavam que o afastamento era...eu *tenho um pouco de sangue...de tenho tá nas minhas veias né corre nas veias.*

L2 minha mãe fazia... era vedete de de cassinos... descia as escadarias com plumas e meu pai era Cruner de cassino *então era tá no sangue...*

⁴ Antunes (2005, p. 62) aborda os procedimentos de coesão textual, entre os quais insere a repetição que, por sua vez, desdobra-se em três recursos: paráfrase, paralelismo e repetição propriamente dita.

L1 *tá no sangue*

L2 *tá no sangue*

No exemplo (5), o movimento reformulador da repetição reside sobre a recorrência no uso das construções oracionais ‘tenho um pouco de sangue’ e ‘tenho tá nas minhas veias né corre nas veias’, utilizados repetidamente por L2 (entrevistado), a fim de evidenciar que a capacidade de romper a quarta parede era intrínseca a ele, visto que L2 foi criado numa família de artistas que dispunham da capacidade de parar um espetáculo e conversar com o público.

Quanto à funcionalidade, a repetição pode marcar a ênfase que o interactante pretende atribuir a um segmento textual, mesmo que a palavra se repita com outro significado; marcar o contraste/a oposição entre dois segmentos do enunciado, com a intenção de distingui-los; contribuir para que o interactante faça uma correção, explícita ou apenas sugerida, no texto; expressar uma ideia de quantificação; e, principalmente, marcar a continuidade temática do texto, ainda que existam outros recursos textuais de volta ao tema.

É importante observar a situação discursiva em que essa atividade de formulação textual ocorre, o efeito pretendido no contexto e, sobretudo, sua aplicabilidade que requer cuidados para que a qualidade e o estilo não sejam diminuídos por ocasião de repetições não funcionais ou inexpressivas textualmente. Desse modo, a repetição acontece em gêneros textuais (falados e escritos), flexível e distintamente, dependendo do propósito discursivo dos interactantes e das funções que esse mecanismo coesivo cumpre (Antunes, 2005, p. 47-49).

Para Marcuschi (2006) e Koch (2011), no tocante à produção, os interactantes repetem os segmentos discursivos por intermédio de autorrepetições – quando um interactante produz a repetição em seu turno, o que pode ser visto no exemplo (6):

(6) L2 [...] e tem a pessoa que envolve *eu acho o número de plateia muito difícil eu acho uma arte [...]*

e de heterorrepetições – quando um dos interactantes repete algum segmento textual da fala do outro, o que ocorre no exemplo (7):

(7) L2 ele não quer essa que quebre a *quarta parede...* se os personagens saem das cadeiras

L1 explique o que é a *quarta parede* que muita gente não sabe!

No que diz respeito à distribuição, há repetições adjacentes (contíguas ou próximas), conforme o exemplo (8), e distantes, segundo as quais os interactantes formulam questões retóricas, repetem seu último segmento discursivo, enfatizam uma palavra importante ou expandem segmentos iniciais. Além disso, as repetições podem ser intencionais, se existirem objetivos textuais e/ou interativos específicos, e não intencionais, caso não haja finalidade textual ou interativa definida; literais, ao se repetir integralmente o segmento discursivo, e não literais, quando se repete parcialmente; autorrealizadas – o interactante repete por iniciativa própria, segundo se verifica no exemplo (8):

(8) L2 eu lembro que toda vez que ela ia me assistir que eu achava uma crítica genial (ruído) ela quando ela dizia assim pra mim o *menos... menos... menos*

menos Ney... *menos*... por favor! *menos* MENOS não tá demais *menos*
 MENOS *menos* na televisão *menos menos*

e heterocondicionadas – o interactante repete por influência/interferência do outro, de acordo com o exemplo (9):

- (9) L2 *eu adoro fazer os clássicos* viu pra mim é importante... me dá uma estrutura
 L1 quantos *clássicos* você já fez?
 L2 o Mandrágora *fi* Raia *fi* Otelu com Julio de Oliveira *fi* Romeu e Julieta
 shakespeare *fi* o primeiro faz (ruído) aqui com a Renata Sorrah e do
 Sergio Brito Bodas de Sangue com Antunes e *fi* uma literatura adaptada
 dentro da televisão que é um milagre você ganhar receber ... que na
 Globo que eu estou a quarenta e dois anos... trabalhar com um cara
 craque Walter Avancini fazer a literatura adaptada pra televisão
 Anarquista graças a Deus... Rabo de saia... Memórias de um gigolô...
 Grande Sertão: Veredas

As alorrepetições ou heterorrepetições apresentam múltiplas funções. Dessa maneira, predominam em aberturas e fechamentos da conversação, podem exercer a função de sinais retroalimentadores ou de sinais de entrega de turno e facilitam a produção dos turnos dos interactantes, o que acontece no turno de L1, no exemplo (9), no momento durante o qual se remete ao ato de interpretar clássicos no teatro; ocorrem, ainda, quando os interactantes repetem, total ou parcialmente, o segmento textual do parceiro, para manter-se ou planejar melhor o turno. Além disso, se alguém apresentar dificuldades de seleção vocabular (palavras ou expressões), o interactante pode repetir a palavra sugerida pelo parceiro, incorporando-a ao seu discurso.

No que tange às sequências conversacionais, também chamadas pares adjacentes, sobretudo a díade pergunta-resposta, os interactantes estruturam/organizam seus turnos com base nos turnos anteriores, repetem ou utilizam estratégias de expansão ou reduplicação para demonstrar atenção, interesse, concordância ou deferência. Quando os turnos não se sucedem, a repetição serve como mecanismo de recriação de segmentos textuais, produzidos nesses turnos não sucessivos, ou de produção de humor.

As autorrepetições referem-se aos segmentos textuais produzidos pelo mesmo interactante, em função de exigências cognitivo-interacionais, seja para orientar o próprio interactante – ao fazerem-no garantir a posse do turno, ganhar tempo de planejamento ou simplificar e facilitar a tarefa de produção discursiva –, seja para orientar o outro, podendo, ainda, orientar ambos os interactantes, o que pode ser mais bem visualizado no exemplo a seguir, quando L2 salienta que o número de plateia é uma tarefa complexa e demanda uma capacidade extraordinária do ator para apiedar o auditório, conforme o exemplo (10):

- (10) L2 [...] e tem a pessoa que envolve *eu acho o número de plateia muito difícil* eu
 acho uma arte ... quem faz o número de plateia que tem a capacidade de
 chegar... parar um espetáculo... né descer falar com o público é capaz de
 fazer de tudo [...]
 L2 eu tenho um pouco de sangue ... eu tenho está nas minhas veias... minha
 mãe éeee fazia... era vedete de cassino desses descia a escadaria com
 plumas meu pai era cluner de cassino então tá no sangue tem a pessoa
 que envolve... *eu acho o número de plateia muito difícil*.

L1 é muito difícil [...].

Quando orientadas para o próprio interactante, as repetições aparecem após um falso começo ou como mecanismos que preenchem as pausas num dado momento do turno e ocorrem como uma ponte que ultrapassa uma interrupção; quando orientadas para o outro interactante, as repetições objetivam segmentar o discurso para um melhor processamento, garantir a compreensão, substituir ou reparar a formulação inicial (Koch, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A repetição na entrevista oral mostrou ser um recurso muito importante tanto para a manutenção do tópico discursivo, de modo que facilitou o entendimento do assunto por evitar que houvesse ausência de um referente, quanto pela função de reforçador dos posicionamentos revelados pelos interactantes, sendo, portanto, um recurso útil do ponto de vista textual ou retórico-argumentativo, uma vez que esse recurso complementou ou sequenciou o que fora dito pelos interactantes. Tal relevância aponta as respostas atribuídas aos questionamentos iniciais que nortearam esta discussão, pois se verificou que a utilização da repetição na entrevista oral se dá de modo sistemático, por estabelecer uma lógica encadeadora de nível coesivo, semântico e cognitivo de manutenção do tópico discursivo.

Identificou-se, também, que a repetição possui um caráter persuasivo, demonstrando ser um reforçador daquilo que é defendido tanto pelo entrevistador L1, em suas abordagens, quanto pelo entrevistado L2, ao defender suas ideias, sempre que revela o conteúdo daquilo que lhe fora perguntado durante a entrevista, o que pôde ser observado na tipologia e na maleabilidade funcional dessa categoria elencada ao longo dos exemplos.

Como se verificou, a dinamicidade da repetição é justificada pelas diversas necessidades linguísticas com que se deparam os falantes ao produzirem seus discursos, a partir da retomada ou mesmo da manutenção do tópico discursivo. Dessa maneira, os discursos denotam clareza perante os espectadores, em função dos mecanismos textual-interativos de progressão tópica, notadamente da repetição e dos seus tipos, garantem ao entrevistador e ao entrevistado um maior engajamento nas interlocuções durante a entrevista televisiva, por meio do monitoramento atento dos turnos conversacionais, permitem que a interação se engendre e que o público-espectador compreenda o teor do diálogo.

À repetição são atribuídas inúmeras definições a depender do enfoque discursivo que se direcione a esse recurso da linguagem, seja aquele de contexto imediato, por seu caráter oral, seja em outros, por sua base escrita, por se enquadrarem em uma abordagem semântica, textual, persuasiva ou em outras, desde que se identifique a relevância desse recurso em quaisquer delas.

Ao tratar da repetição nas conversações, é imprescindível considerar o potencial reformulador ou mesmo reforçador desse mecanismo, sob o viés didático, retórico e/ou textual. Isso é possível, quando a repetição deixa de ser considerada um erro do ponto de vista linguístico, porque se encontram caracterizações que colaboram para o melhor entendimento do assunto exposto em um determinado evento discursivo.

REFERÊNCIAS

- Antunes I. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola; 2003.
- Antunes I. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola; 2005.
- Baltar M. Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático. 1.^a ed. São Paulo: Cortez; 2012.
- Cardano M. Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação. Conill ER, tradutora. Petrópolis, RJ: Vozes; 2017.
- Cestero Mancera AM. Intercambio de turnos de habla en la conversación en lengua española. *Revista Española de Lingüística*. 1994;24(1):77-99.
- Chantler P, Harris S. Radiojornalismo. São Paulo: Summus; 1998.
- Costa SR. Dicionário de gêneros textuais. 2.^a ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica; 2009.
- Fávero LL. A entrevista na fala e na escrita. In: Preti D, organizador. Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas; 2000. p. 77-97.
- Fávero LL, Aquino ZGO. A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In: Preti D, organizador. Interação na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas; 2002. p. 159-178.
- Fávero LL, Aquino ZGO. As perguntas na organização das entrevistas. *Revista da Anpoll*. 1998;1(4):121-135.
- Fávero LL, et al. Interação em diferentes contextos. In: Bentes AC, Leite MQ, organizadoras. *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez; 2010. p. 91-158.
- Ferraretto LA. Rádio: teoria e prática. São Paulo: Summus; 2014.
- Flick U. Introdução à pesquisa qualitativa. Costa, JE, tradutora. 3.^a ed. Porto Alegre: Bookman; 2009.
- Hoffnagel JC. Entrevista: uma conversa controlada. In: Bezerra MA, Dionisio AP, Machado AR, organizadoras. *Gêneros Textuais e Ensino*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna; 2003. p. 180-193.
- Koch IGV. A coesão textual. 22.^a ed. São Paulo: Contexto; 2010a.
- Koch IGV. A interação pela linguagem. 10.^a ed., 3.^a reimpressão. São Paulo: Contexto; 2010b.
- Koch IGV. O texto e a construção dos sentidos. 10.^a ed. São Paulo: Contexto; 2011.
- Koch IGV, Elias VM. Ler e compreender: os sentidos do texto. 3.^a ed. 5.^a reimpressão. São Paulo: Contexto; 2011.
- Lage N. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 8.^a ed. Rio de Janeiro: Record; 2009.
- Marcuschi LA. Análise da conversação. São Paulo: Ática; 2003[1986].
- Marcuschi LA. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 6.^a ed. São Paulo: Cortez; 2005.
- Marcuschi LA. Repetição. In: Jubran CCAS, Koch, Koch IGV, organizadoras. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. (Vol. 1). p. 219-254.

Marcuschi LA. Repetição. In: Jubran CCAS, organizadora. A construção do texto falado. São Paulo: Contexto; 2015. p. 207-240.

Mateu M. La entrevista en televisión. In: Balsebre A, Mateu M, Vidal D, organizadores. La entrevista en radio, televisión y prensa. Madrid: Cátedra; 1998. p. 149-244.

Medina CA. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática; 1986.

Melo Junior JNB. As relações assimétricas na entrevista oral radiojornalística. Maceió: Edufal; 2017.

Prado E. Estrutura da informação radiofônica. 5.^a ed. São Paulo: Summus; 1989.

Preti D. Análise de textos orais. São Paulo: Humanitas; 1993.

Preti D. Estudos de língua falada: variações e confrontos. 2.^a ed. São Paulo: Humanitas; 2006.

Santos MFO. A interação em sala de aula. 2.^a ed. Recife: Bagaço; 2004.

Xavier ACS. A linguagem do rádio. 1.^a ed. Catanduva: Rêspel; 2006.

Anexo – Critérios de transcrição

<i>Ocorrências</i>	<i>Sinais</i>
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento brusco: quando alguém é cortado pelo parceiro ou quando o falante corta uma unidade	/
Entoação enfática	MAIÚSCULA
Prolongamento de vogal e consoante	::podendo aumentar ara:::ou mais
Interrogação.	?
Qualquer pausa, como: ponto-e-vírgula, vírgula, ponto-final e dois pontos	...
Comentários descritivos do transcritor.	((minúscula))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --
Sobreposição de vozes: usa-se a partir do ponto que começa a outra fala	[
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto	(...)
Falas simultâneas: dois falantes ao mesmo tempo	[[
Sinais de pausa	+ para cada 0,5s. Para pausa além de 1,5s, indica-se o tempo.
Sinais de entonação: aspas duplas correspondem mais ou menos ao ponto de interrogação	“ ”
Repetições	Duplica-se a parte repetida.
Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção	ah, éh, oh, ih, ahã, ehn, uhn, tá
Citações	“citação”
Iniciais maiúsculas	Para nomes próprios ou siglas
Não se usa ponto de exclamação	
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação	... ou /.../

Fonte: Preti (2006, p. 12-13) e Marcuschi (2003, p. 10-13).